

Seção: Entrevista | DOI:10.35700/2317-1839.2022.v11n20.3587

## Entrevista

**Paula Alves de Aguiar**

*Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus São José*

*E-mail: paula.aguiar@ifsc.edu.br*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0776-9472>*

**1) Em final de 2022, a revista “EJA em Debate” completou 10 anos de história. Como uma das idealizadoras da revista logo no começo, você poderia nos contar como foi a ideia de criar a revista e quais eram seus objetivos à época?**

Fico muito feliz em saber que a revista “EJA em Debate”, do Instituto Federal de Educação Científica e Tecnológica de Santa Catarina – IFSC completa 10 anos. A ideia de criação da revista surgiu da busca da instituição, pela oferta de cursos no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, nos seus diferentes campi. Almejava-se dar uma formação integral aos estudantes jovens e adultos excluídos do ensino formal em idade considerada própria.

Para efetivar esse objetivo, era necessário, além da implementação dos cursos, o debate e reflexão teórica sobre essas práticas, uma vez que poucos servidores tinham formação na área. Foi um período de discussões intensas sobre o PROEJA, onde também iniciou a oferta do curso de especialização PROEJA que formou diferentes profissionais e oportunizou o desenvolvimento de várias pesquisas na área.

Outra questão que motivou a proposta do periódico foi verificarmos que no contexto nacional daquela época, nenhuma revista científica se dedicava exclusivamente ao debate sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Existiam apenas edições especiais de periódicos sobre essa modalidade de ensino.

A participação e envolvimento de diferentes profissionais e pesquisadores do IFSC e de outras instituições de distintas regiões do país, desde a primeira edição do periódico,

demonstrou que os debates e reflexões ali escritos contribuem para o fortalecimento desta modalidade de ensino. Após a primeira edição ficamos com o desafio de continuar com o periódico e manter sua qualidade, além do aprimoramento contínuo.

A revista nasceu do sonho, da “utopia como campo de possibilidade”, de todos os envolvidos que buscavam minimizar as desigualdades educacionais no país a partir do aprofundamento das discussões sobre as trajetórias escolares e não escolares dos sujeitos que participaram da EJA.

**2) Nesses 10 anos de história, a revista cresceu, e, a partir das mãos de muitos colaboradores, conseguimos chegar ao Qualis B1 na última avaliação da CAPES. Como você vê essa progressão da revista ao longo dos anos e a sua relevância para a pesquisa na educação de jovens e adultos no Brasil?**

Vejo que o envolvimento de pesquisadores e profissionais na área da EJA permanece cada vez mais forte, assim como o empenho institucional em desenvolver essa modalidade de ensino e de ações que contribuam para sua consolidação. É uma satisfação perceber que a utopia que motivou a criação da revista não era apenas dos seus primeiros editores, mas que ele permanece e motiva cada vez mais pessoas na busca por uma educação que promova a equidade social e a garantia desse direito a toda população.

Aproveito para parabenizar todos os editores da revista pelo empenho e dedicação para que ela cada vez melhore sua qualificação no Qualis, fortalecendo os debates nacionais sobre a EJA.

**3) Em 2022, a revista “EJA em Debate” foi contemplada pelo edital da FAPESC com recursos para o aprimoramento de periódicos científicos. A seu ver, qual é a importância do investimento público (ou privado) para a pesquisa no Brasil? É possível fazer pesquisa de qualidade sem investimentos?**

O investimento público para a manutenção e fortalecimento de periódicos científicos, como a revista “EJA em Debate”, é fundamental. Sabemos do pouco tempo de dedicação que os editores e avaliadores possuem para o periódico e como é difícil consolidar e mantê-lo ativo nacionalmente. Sem investimentos na pesquisa, nesse caso

específico na EJA, dificilmente se conseguirá modificar a situação de exclusão social e escolar que muitas pessoas vivem.

**4) Nesse novo momento, em 2023, com uma mudança de governo federal no Brasil, quais são as suas expectativas para a educação de jovens e adultos a nível nacional (e estadual)?**

Saímos de um período complexo de desvalorização da educação nacional. A falta de investimentos e os recursos cada vez mais escassos dificultaram a manutenção e criação de ações que visem ao fortalecimento dos programas educativos. Com o novo governo renovamos nossas esperanças de que será possível minimizar a desigualdade escolar e social que vivemos.

**5) Como professora que se dedicou/dedica a pesquisas na área de EJA, quais você acha que seriam os pontos frágeis com os quais ainda lidamos ao trabalhar com EJA no Brasil?**

A EJA no Brasil ainda carece de investimentos, recursos, pesquisas, qualificação e valorização dos profissionais que nela atuam. Apesar do aumento de pesquisa nessa área nos últimos anos, muito ainda há o que pesquisar para contribuir com o fortalecimento desta modalidade de ensino.

Infelizmente, o que percebemos é que a EJA não é passageira, apesar da universalização do ensino, muitos estudantes permanecem, por diferentes motivos, em defasagem na relação idade-série ou abandonam a escola e vão, posteriormente, para a EJA, fenômeno denominado de juvenilização da EJA, tornando ainda mais heterogêneos os sujeitos que participam dessa modalidade de ensino. Por esse motivo essa modalidade de ensino não pode ser organizada com base no imprevisto e no provisório.

Faltam concursos públicos para a efetivação de professores que atuam na EJA, acarretando rotatividade de profissionais e dificuldade da manutenção de uma proposta de ensino específica. Isso leva prejuízos à formação dos estudantes e dificultando a criação de uma identidade política para as instituições.

Torna-se necessário a contratação de professores efetivos, além de cursos de formação continuada sistemáticos para os profissionais que atuam na EJA, na busca por reflexões contínuas e profundas sobre o processo de ensino e aprendizagem.

A EJA-EPT atua com professores dos IFs que de forma geral são efetivos, mas muitos não possuem formação na área da EJA, exigindo formação específica e contínua.

Outra questão importante é que as licenciaturas tenham componentes curriculares específicos sobre a EJA e que ofereçam estágios nessa modalidade de ensino. Acreditamos que quando os futuros professores conhecem essa modalidade de ensino, podem ter um maior interesse e conhecimento para trabalhar com ela. A pouca formação na área e o desconhecimento de muitos professores sobre essa modalidade de ensino, pode acarretar descaso, desvalorização e desinteresse em trabalhar com a EJA e o PROEJA.

**6) Ainda sobre essas questões de fragilidades na área de EJA, como você observa a questão da pandemia de COVID-19 e a vivência dos alunos de EJA neste período de educação remota? Podemos afirmar que as injustiças sociais se mostraram ainda mais devastadoras neste período?**

Podemos, sim! Infelizmente a exclusão e a desigualdade educacional foram ampliadas no período da pandemia. A evasão escolar aumentou, em especial nesta modalidade de ensino. Percebemos que poucos estudantes da EJA e do PROEJA tinham computadores em casa. Dessa forma, precisaram utilizar apenas seus aparelhos celulares (quando tinham) para comunicação com as escolas e para postagem ou envio dos materiais que produziam. Nem todos os estudantes tinham acesso à internet e muitos tinham que buscar materiais impressos nas instituições escolares, mas possuíam dificuldade pela questão da locomoção.

O isolamento e a falta interação entre professores e estudantes foi um fator decisivo para o aumento da evasão escolar na EJA no período da pandemia. Por não possuírem os recursos mínimos para a manutenção das aulas remotas, ampliou-se a desigualdade e exclusão, já que as interações eram feitas em ambientes online.

A pandemia reforçou as desigualdades já existentes na sociedade, demonstrando a urgência de investimentos e assistências para o fortalecimento e permanência dos estudantes dessa modalidade de ensino. Essas pessoas têm direito à educação de

qualidade, que se constitui em uma reparação do direito que tiveram negado em idade considerada própria.

**7) Quando falamos em educação de jovens e adultos no Brasil, a figura do ilustre educador Paulo Freire tem se mostrado quase que imprescindível. Qual é a sua relação com os referenciais teóricos de tal educador e como isso auxiliou na construção de sua trajetória como docente?**

Paulo Freire foi um educador brilhante. Suas contribuições permanecem até hoje fundamentais e como um desafio na educação. Seus ensinamentos estão sempre presentes em minhas aulas e na minha vida como educadora.

O principal no trabalho de Freire e que buscamos até hoje nas esferas educativas não é seu método de alfabetização, mas a concepção de educação que ele possuía. Essa tinha um sentido amplo, ideológico e político. O estudante não era apenas aluno, mas participante do grupo e a aula era o desenvolvimento do diálogo. A concepção freiriana, tinha por princípio a conscientização (passagem da consciência ingênua para a consciência crítica), possibilitando o engajamento dos indivíduos na vida social, buscando mudanças e transformações. Constituíam-se como uma política e filosofia da educação que almejava a libertação.

Apenas quando percebermos a educação como um “ato político” e um “ato de conhecimento” e os estudantes como produtores de cultura e de saberes, poderemos rever práticas excludentes no sistema educacional. O debate e o fortalecimento da concepção freiriana permanece vivo, atual e necessário.

**8) A educação de jovens e adultos apresenta muitos desafios no que se refere à questão de “permanência e êxito”. Na sua visão como educadora, existem formas/estratégias de dirimir esse problema tão presente nas salas de aula de EJA?**

Para ampliarmos a permanência e êxito dos estudantes da EJA e do PROEJA é necessário, investimentos, políticas públicas e dar visibilidade a essa modalidade educativa dentro do sistema educacional. Muitas vezes a EJA não possui política própria e é vista como um apêndice do sistema educacional.

Para permanecerem nesta modalidade de ensino, os estudantes precisam de assistência, de propostas pedagógicas que valorizem seus conhecimentos prévios, que se sintam partícipes dos processos educativos. Essas pessoas não fazem parte do grupo social ao qual a escola se dedica, podendo ocorrer nas escolas um confronto de culturas que comumente desconsidera os conhecimentos advindos dos estudantes pouco escolarizados.

Os sujeitos da EJA formam uma categoria eclética, são em sua maioria trabalhadores, possuem várias responsabilidades cotidianas para além da escolarização. Normalmente começam a trabalhar na adolescência, em empregos exigindo pouca formação, grande esforço físico e baixa remuneração. Essas questões devem ser consideradas no processo de organização pedagógica dessa modalidade educativa.

Para a permanência e êxito do processo educativo é fundamental conhecer os alunos e seus interesses, para que as aulas efetivamente sejam significativas, possibilitando fazer a leitura crítica do mundo em que vivem, como forma de romper com as práticas excludentes vigentes na sociedade.

Os elevados índices de evasão e repetência nesta modalidade de ensino refletem a falta de sintonia da escola com esses estudantes, além de fatores de ordem socioeconômica que não podem ser desconsiderados. Ressaltamos a importância dos educadores da EJA escutarem responsivamente seus estudantes, que muito têm a dizer sobre as práticas desenvolvidas nessa instituição, esse é um dos caminhos que podem contribuir para consolidação do direito à educação formal e minimização da evasão escolar e exclusão social.

**9) Quando falamos de EJA no âmbito de institutos federais no Brasil, temos visto muitos colegas angustiados com a questão da evasão escolar dos alunos de EJA, sobretudo após a pandemia. Como você pensa que devemos tratar esse ponto sem abrir mão dos cursos de EJA-EPT nas IFs?**

A EJA-EPT é uma das metas dos Institutos Federais. Sofremos muito no período da pandemia, assim como todos os outros cursos de EJA no Brasil, mas agora, mais que nunca, precisamos fortalecer essa modalidade de ensino nos institutos federais que ofertam ensino público, gratuito e de qualidade.

São necessárias políticas específicas de fomento desta modalidade de ensino, propostas pedagógicas e uma busca ativa pelos sujeitos do PROEJA para que conheçam e percebam que os IFs também foram feitos para eles. O “Departamento de EJA e Ensino Técnico Integrado” criado recentemente no IFSC demonstra o compromisso institucional com essa modalidade educativa. Esse departamento está desenvolvendo ações e certamente contribuirá muito para a reflexão e fortalecimento da EJA-EPT.

**10) Em “Pedagogia da Esperança”, Paulo Freire nos convida a olhar para a educação, não obstante nossas dificuldades, com um olhar esperançoso. Que palavras de esperança você poderia deixar aqui para os educadores e pesquisadores de EJA no Brasil?**

Seguimos com a nossa práxis educativa na busca da transformação social. O esperar exige ação na busca das “utopias possíveis”. A revista “EJA em Debate” é uma dessas utopias que só se tornou possível pelo envolvimento e sonho de muitos pesquisadores e profissionais que buscam uma educação transformadora que promova a equidade social. Muito obrigada por manterem essa utopia viva. As mudanças são difíceis, mas se acreditarmos e agirmos para sua concretização, principalmente de forma coletiva, podemos torná-las realidade.